



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA**

**A GESTÃO DA CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO EM MUSEUS
UNIVERSITÁRIOS: UM ESTUDO DE CASO EM UM CENTRO CULTURAL DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**

**RECIFE/PE
2023**

AMANDA ATAIDE CARDOSO PAIXÃO

**A GESTÃO DA CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO EM MUSEUS
UNIVERSITÁRIOS: UM ESTUDO DE CASO EM UM CENTRO CULTURAL DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Museologia da
Universidade Federal de Pernambuco,
como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Museologia.

Orientador: Bruno Melo de Araújo.

Recife, PE

2023

FICHA ELETRÔNICA

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Paixão, Amanda Ataide Cardoso.

A gestão da conservação e restauração em museus
universitários: um estudo de caso em um centro cultural da
universidade federal de Pernambuco / Amanda Ataide Cardoso
Paixão. - Recife, 2023.

52 p. : il., tab.

Orientador(a): Bruno Melo de Araújo
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e
Ciências Humanas, Museologia - Bacharelado, 2023.

1. Museu universitário. 2. Centro Cultural Benfica. 3.
Preservação. 4. Restauo. I. Araújo, Bruno Melo de.
(Orientação). II. Título.

300 CDD (22.ed.)

AMANDA ATAIDE CARDOSO PAIXÃO

**A GESTÃO DA CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO EM MUSEUS
UNIVERSITÁRIOS: UM ESTUDO DE CASO EM UM CENTRO CULTURAL DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Bruno Melo de Araújo (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Dr. Vilckma Oliveira de Santana (Examinadora Interna)

Dr. Anselmo Mendonça Júnior (Examinador Externo)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer e dedicar este trabalho de conclusão de curso primeiramente a Deus, que me guiou com muita fé nesse caminho. À minha família, que mesmo sem nunca ter pisado em uma Universidade, me fizeram querer tanto ocupar uma.

As famílias que fui criando ao longo do caminho, que acreditaram e depositaram tanto orgulho em mim. Especialmente a Joyce, que me ensinou a ter coragem, e me deu apoio em cada coisa que fiz. Muito obrigada! A minha grande irmã Leticia, que me encoraja diariamente e me faz acreditar em meu potencial, o que o CLT uniu ninguém separa.

Um agradecimento em especial ao meu orientador Bruno Melo de Araújo, que gentilmente me ajudou nessa caminhada acadêmica, compartilhando suas experiências e saberes em nossos projetos.

Aos amigos e colegas de sala que fiz durante essa jornada e me ajudaram imensamente, gratidão! Especialmente a Lais que me deu suporte e acompanhou de perto minhas vivências, a quem eu compartilhei os momentos mais incríveis e devastadores do qual a Universidade pode proporcionar. Sou grata a Anderson que segurou minha mão mesmo distante e me permitiu desabafar em mensagens quilométricas.

Ao curso de Museologia e todos os professores, que me ensinaram sobre a área e sobre a vida. Ao programa BIA, que me fez ter o contato inicial com a pesquisa e aumentou meu amor pela Museologia. Ao PIBIC, que me ensinou o poder da pesquisa para o nosso país.

Ao Centro Cultural Benfica e toda a equipe, pela atenção, conversas, colaboração e fornecimento de informações, materiais e dados.

Minha caminhada não foi só minha, através das minhas vivências fui sendo parte de cada pessoa assim como elas de mim, que Deus abençoe todos! Eu sou porque nós somos, ubuntu.

“Eu dei tudo que eu podia: meu coração, meu sangue, meu suor e minhas lágrimas nesse jogo. Contra todas as possibilidades. Eu não sei o porquê temos que pegar o caminho mais difícil. Não sei o porquê do homem lá de cima me dá esse caminho. [...] Ele não te coloca em situações que você não pode resolver. E eu sempre tentei manter essa positividade.” (LeBron James)

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo realizar um estudo de caso sobre o processo de gestão de ações realizadas no Centro Cultural Benfica (CCB), da Universidade Federal de Pernambuco. Na oportunidade, discorremos sobre a história do espaço, e sua ligação com o Departamento de Cultura e Extensão (DEC) e a Escola de Belas Artes de Pernambuco (EBAP). Apresentamos as diferentes gestões que passaram pela instituição de 1980 a 2020, observando as decisões tomadas e as implicações de determinadas escolhas tanto do acervo quanto do espaço. Iniciamos nosso estudo com uma reflexão sobre os conceitos que nos auxiliam em uma melhor compreensão de algumas tipologias de museus e coleções universitárias. Nosso trabalho seguiu com levantamento de fontes como jornais, ofícios, processos, para compreender os acontecimentos e seus desdobramentos. A partir das informações obtidas, percebemos que o CCB é um espaço universitário que realiza atividades de gestão de seu acervo e, em alguns casos, geriu processos de restauração de bens culturais. Essas iniciativas só foram possíveis através de projetos e contrapartidas, devido as dificuldades de recursos humanos qualificados e recursos financeiros disponíveis. Acreditamos que a realização deste estudo contribui para fortalecer o debate sobre os museus universitários, fornecendo uma troca de saberes e práticas, usando como estudo o CCB.

Palavras-chave: Museu universitário, Centro Cultural Benfica, Preservação e Restauro.

ABSTRACT

The present work aimed to carry out a case study on the process of managing actions carried out at the Benfica Cultural Center (CCB), at the Federal University of Pernambuco. On this occasion, we discussed the history of the space, and its connection with the Department of Culture and Extension (DEC) and the School of Fine Arts of Pernambuco (EBAP). We present the different administrations that passed through the institution from 1980 to 2020, observing the decisions made and the implications of certain choices regarding both the collection and the space. We begin our study with a reflection on the concepts that help us to better understand some types of museums and university collections. Our work continued with a survey of sources such as newspapers, letters, processes, to understand the events and their developments. From the information obtained, we realized that the CCB is a university space that carries out collection management activities and, in some cases, managed cultural property restoration processes. These initiatives were only possible through projects and counterparts, due to the difficulties of qualified human resources and available financial resources. We believe that carrying out this study contributes to strengthening the debate on university museums, providing an exchange of knowledge and practices, using the CCB as a study.

Keywords: University Museum, Benfica Cultural Center, Preservation and Restoration.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Imagem parcial da ficha de Museus Universitários.....	21
Figura 2 – Centro Cultural Benfica.....	24
Figura 3 – Antiga EBAP	25
Figura 4 – Localização dos espaços.....	25
Figura 5 – Ariano Suassuna e o movimento armorial	28
Figura 6 – Nova sede do DEC	29
Gráfico 1 – Estado de conservação do acervo	38
Figura 7 – Canto D'atelie (Francisco Brennand)	39
Figura 8 – Família de Retirantes (Mestre Vitalino).....	40
Figura 9 – Figura de Duas Mulheres (Gilvan Samico)	42
Figura 10 – Nilse e Nathalie Fontes.....	44

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Estado de conservação do acervo.....	38
Tabela 2 – Obras restauradas por ano	39
Tabela 3 – Obras restauradas entre 2016/2017	43

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAC	Centro de Arte e Comunicação
CCB	Centro Cultural Benfica
DEC	Departamento de Extensão e Cultura
EBAP	Escola de Belas Artes de Pernambuco
IBRAM	Instituto Nacional de Museus
ICOM	Conselho Internacional de Museus
PCC&T	Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia
PROEXC	Pró-Reitoria de Extensão e Cultura
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UMAC	<i>Committee for University Museums and Collections</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. CAPÍTULO I: Para uma melhor compreensão dos museus universitários e ações de Preservação	15
1.1. Museu, museologia e museus universitários.....	15
1.2. Órgãos, comitês e mapeamentos.....	17
1.3. Gestão	19
1.4. Ações de conservação preventiva e restauração.....	22
2. CAPÍTULO II: Histórico do Centro Cultural Benfica	24
2.1. Escola de Belas Artes de Pernambuco	24
2.2. Escola de Música – Anexo da EBAP.....	26
2.3. Departamento de Extensão e Cultura	26
2.4. Centro Cultural Benfica.....	34
2.5. Projetos do CCB	35
3. CAPÍTULO III – As atividades do CCB: ações de Preservação	36
3.1. Panorama dos museus universitários em Pernambuco	36
3.2. Ações de preservação no CCB.....	37
3.3. Caminhos adotados para ação de restauração	44
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS.....	48

INTRODUÇÃO

Os museus são instituições sem fins lucrativos, que realizam atividades museológicas, a fins de preservação, estudo e pesquisa. (BRASIL, 2019), enquanto que a Museologia é a área que estuda a relação do indivíduo com a sua realidade, e os objetos dos quais agregam sentidos (Scheiner, 1999).

No amplo leque das tipologias de museus, este estudo volta-se para os museus universitários, na medida em que focaremos nossa reflexão em um pertencente à Universidade Federal de Pernambuco. Museus universitários são considerados espaços que surgem em Instituições de Educação Superior (IES) e podem atender às mais diversas áreas de conhecimento, como Humanas, Exatas e da Natureza, Saúde, Sociais Aplicadas, entre outras. Existe uma particularidade quanto às suas dinâmicas, pois participam da tríade de ensino, pesquisa e extensão. (Soares, 2020).

O acervo de um museu universitário é composto por objetos que documentam a trajetória das áreas acadêmicas, o reconhecimento desses objetos como Patrimônio, implica em escolher o que é digno de ficar para a posteridade. Significa assegurar a sua transmissão às gerações futuras. (Julião, 2020).

Por sua vez, o Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia (PCC&T) é o que se preserva para gerações futuras, fruto do conhecimento científico e tecnológico. (Handfas, Granato, Lourenço, 2016). São objetos de significação cultural das ciências e da tecnologia de todas as áreas do conhecimento. (Carta do Rio de Janeiro, 2017). Por representarem a trajetória científica e histórica de diversas áreas do conhecimento científico, possuem uma importância tanto acadêmica quanto social.

Estes temas vêm sendo trabalhados através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) no projeto intitulado “Museus Universitários em Pernambuco: Valoração do Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia”¹, desenvolvido na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde 24 espaços foram levantados em todo o Estado de Pernambuco, nas instâncias federais, municipais e estaduais. Para a presente pesquisa, selecionamos como estudo de caso o Centro Cultural Benfica (CCB), cujo acervo é composto por obras de arte erudita e popular.

¹ Projeto desenvolvido com apoio da FACEPE, nos anos de 2020-2022 onde foram levantados os museus universitários no estado de Pernambuco. Assim como identificar a gestão desses espaços. O projeto foi orientado pelo Professor Dr. Bruno Melo de Araújo.

A escolha do CCB como objeto de estudo parte das observações realizadas no PIBIC que, a partir dos espaços levantados no estado de Pernambuco, identificamos que o CCB apresenta uma execução que se destaca entre os demais, enquanto atividades de documentação e preservação.

Essas atividades precisam de investimentos financeiros, pois seus custos são altos, para obter material adequado assim como profissionais capacitados na área. O que nos leva a refletir como os museus universitários se desdobram para conseguir talação em seu acervo. Assim como, de que maneira estabelecem e sistematizam qual objeto será restaurado, e se levam critérios de estado de conservação, valor sentimental, valor histórico, entre outros motivos.

O CCB é vinculado à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proexc), Departamento de Cultura (DEC) e a Rede de Museus da UFPE. Se localiza na cidade do Recife, na Rua Benfica, número 157. No espaço que já abrigou a Escola de Música de Pernambuco, que migrou para a UFPE, no bairro da Várzea, no Centro de Artes e Comunicação (CAC).

Em 2001, se transformou em um espaço de articulação da cultura, e ao longo dos anos reuniu nomes como Hermilo Borba Filho, Ariano Suassuna, Marcus Accioly, Murilo Domingues², entre outros professores, artistas e intelectuais. O seu acervo reúne cerca de 4675 obras, segundo o Sistema de Catalogação do Acervo Museológico (SICAM), formando um importante patrimônio artístico, cultural e científico, visto que muitos objetos foram herança da Escola de Belas Artes e testemunham os estudos, experimentações e desenvolvimento das técnicas artísticas. (Sofia, 2019).

Nosso trabalho se apoiou no método de metodologia descritiva, sabendo que a mesma visa descrever as características de determinado fenômeno, estabelecimento, utilizando técnicas de coleta, como uma forma de levantamento. (Silva, Menezes, 2000).

Para traçar sua história e identificar os processos de gestão, descrevendo quais contribuições foram sendo tomadas ao longo do tempo, utilizamos documentos, relatórios e informações obtidas no espaço, assim como o acesso a Hemeroteca Digital para melhor sistematizar as informações.

O presente trabalho se debruça para analisar a gestão do CCB na perspectiva das ações de conservação e restauro do seu acervo, no período de 1980 a 2020, com

² Professores, artistas, dramaturgos, que participaram da formação do acervo, e participaram do Movimento Armorial.

ênfase nos restauros realizados em 1985, 1993, 2006/2007 e 2016/2017.

Primeiramente acessamos os documentos internos do CCB, a partir do diálogo com a instituição. Para sistematizar o processo de levantamento dessas informações utilizamos o SICAM³, filtrando as informações a fim de identificar um período com ações de restauração. Dessa listagem, foi possível acessar as fichas documentais, que puderam contribuir com informações mais detalhadas, como de restauros ou possíveis intervenções nos objetos. A partir disso pudemos saber como e quando os objetos e o espaço tiveram ações de financiamento, por exemplo. Em seguida, sistematizamos esses dados em tabelas e gráficos, a fim de compreender os caminhos de escolha das atividades de restauração.

³ O SICAM é um banco de dados, que reúne informações como o número de registro, título, classe, subclasse, datas de aquisição e execução, entre diversas informações. Esses dados facilitam pesquisas, acesso mais prático e seguro.

1. CAPÍTULO I: Para uma melhor compreensão dos museus universitários e ações de Preservação

1.1. Museu, museologia e museus universitários

Os objetos podem narrar a história de determinados grupos sociais, acontecimentos, serem portadores de memórias, produzir sentidos ou designar funcionalidades que o ser humano possa direcionar diferente seu objetivo inicial de produção. A salvaguarda de objetos dialoga com uma íntima relação entre indivíduo e objeto, que reúnem essas peças, a fim de preservar a memória.

Os objetos refletem um simbolismo que envolve diferentes graus de subjetividade, capazes de estabelecer formas de comunicar as experiências dos grupos sociais. Estes podem ser encontrados reunidos em coleções e salvaguardados em museus ou formando conjuntos de objetos sem cumprirem os pressupostos de constituição de um museu. (Araújo, 2019, p.2).

Essa reunião pode ser melhor entendida com os debates promovidos no âmbito da Museologia e dos estudos sobre o Patrimônio Cultural. A partir destes podemos valorizar edifícios, documentos, práticas, saberes, e tipos de expressões. Os Patrimônios podem muitas vezes estarem limitados a valores artísticos, históricos, de relações afetivas, dentre outros fatores. Ocasionalmente uma estagnação do objeto que pode ter diversos significados e representações ao longo da história.

A partir disso, a sociedade se preocupou com a reunião e salvaguarda de objetos considerados de valor. Direcionando a um espaço para reunião desses objetos, que seria o museu, onde segundo nossa legislação são instituições sem fins lucrativos, que realizam atividades museológicas e tem a finalidade de preservar, pesquisar e comunicar. (BRASIL, 2019). Diante disso, é sabido que os acervos possuem diversos tipos de categorias, assim como existem tipologias de museus, como tradicionais, de território, entre outros.

Sendo assim, a Museologia se entende como a área que estuda a relação do indivíduo e sua realidade, e os objetos dos quais agregam sentidos (Scheiner, 1999). Sabendo que o objeto de estudo da museologia não pode ser efetivamente o museu, sendo ele uma criação relativamente recente na história da humanidade. (Desvallées, Mairesse, 2013). Ou seja, a relação entre o indivíduo e o objeto é primordial, entender que um indivíduo pode participar de diversos grupos, como familiar, escolar, de amigos, significa entender que os objetos portadores dessas

memórias podem ser de inúmeras categorias. Por isso existe a multiplicidade de acervo e instituições.

Perante as diversas tipologias de museu, este estudo volta-se aos Museus Universitários. Consideramos que estes são espaços onde seu nascimento pode ser dado pelo acúmulo ou reunião, de objetos de PCC&T frutos de aulas e pesquisas, de alunos, professores e pesquisadores ou pela incorporação/compra/ doação de objetos a instituição.

Estes são espaços que estão respaldados por instituições educacionais de ensino superior, por isso podem ser das diversas áreas de conhecimento, como humanas, exatas, saúde, naturais, entre outras. Respondem a instituição de ensino, e podem ser da instância federal, estadual e municipal. A partir disso oferecem contribuição social por meio da produção de conhecimento qualificado, informações, exposições, e atividades que envolvam as diversas áreas da instituição.

Acho que uma característica muito marcante nossa no Brasil, é que os museus universitários, eles têm diferentes tutelas. Alguns, muitos na verdade são federais, outros são estaduais, tem alguns que são particulares. Então isso só para mencionar, eles trabalham com quase todos os campos de conhecimento, então é um universo caleidoscópico mesmo (Bruno, 2021).

Maria Cristina Bruno (2021) levanta três marcos de percursos dos museus universitários. O primeiro em 1992, onde se originou o Fórum de Museus Universitários e também se estabeleceu uma conexão mais efetiva com o Conselho Internacional de Museus (ICOM). O segundo marco teve como período entres os anos de 2010 até 2020, com atividades pensadas para a gestão, preservação, pesquisa, educação, entre outros debates. O terceiro marco foi a Reunião do Fórum de Museus Universitários em 2018, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que resultou nas “Diretrizes para uma Política de Museus e Coleções Universitárias”, com diversas recomendações que servem para trocar informações com outros espaços universitários.

Suas contribuições sociais estão para quando o museu universitário atua como um conector, que quebra o isolamento da ciência, e contribui na relação universidade e sociedade. (Julião, 2020). Sobre os objetos que os museus universitários abrigam, o Patrimônio de Ciência e Tecnologia (PCC&T) preserva para gerações futuras o fruto do conhecimento científico e tecnológico. (Handfas, Granato, Lourenço, 2016).

O Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia constitui-se do legado tangível e intangível relacionado ao conhecimento científico e tecnológico produzido pela humanidade, em todas as áreas do conhecimento, que faz referência às dinâmicas científicas, de desenvolvimento tecnológico e de ensino, e à memória e ação dos indivíduos em espaços de produção de conhecimento científico. Estes bens, em sua historicidade, podem se transformar e, de forma seletiva, são atribuídos valores, significados e sentidos, possibilitando sua emergência como bens de valor cultural (Carta do Rio de Janeiro, 2017).

Compreendemos a importância que os museus universitários dispõem, quando entendemos que eles são testemunhos de experiências, histórias, e consolidações da academia.

1.2. Órgãos, comitês e mapeamentos

O *Committee for University Museums and Collections* (UMAC) vinculado ao Conselho Internacional de Museus (ICOM) é um comitê a nível internacional que promove a interação de profissionais, estimula o engajamento dos espaços, contribuindo com a sociedade. Fornece uma base de dados de museus universitários, no qual são cadastrados seus próprios representantes, ou seja, o responsável pelo museu universitário pode cadastrá-lo no comitê, e o espaço aparecerá no mapa e banco de dados, caracterizando como um auto declaração de informação e não por uma coleta de dados ativa do UMAC.

A nível nacional temos o Instituto Nacional de Museus (IBRAM), criado a partir da Lei nº 11.906/09, sendo responsável pela implementação de políticas públicas, em estimular a participação das instituições e atividades museológicas, entre outros fatores. Com a portaria do IBRAM nº 215, de 2021, surgiu a plataforma de mapeamento Museus-BR, que se integra com as informações do Cadastro Nacional de Museus e do Registro de Museus. Embora não seja um banco de dados que tenha um filtro específico para museus universitários, é possível identificar e levantar alguns museus vinculados as instituições de ensino superior.

Por outro, a fim de encontrar dados mais seguros que possam apresentar um cenário mais próximo de museus universitários no Brasil, temos o levantamento a nível nacional a partir da ação e pesquisa do Museu de Astronomia e Ciências Afins

(MAST), coordenado pelo pesquisador Marcus Granato⁴ que em 2021, divulgou o Mapa de Museus Universitários do Brasil. Os dados podem ser acessados através de um *link*⁵ e oferece a experiência de mapeamento. O mapa apresenta as cinco regiões do Brasil, apresentando 444 museus universitários. Nesse banco de dados o usuário pode escolher a região que deseja visitar e visitar as páginas dos espaços. Se apresentam no levantamento também os museus universitários virtuais.

Para o estado de Pernambuco, utilizamos os dados do Mapa dos Museus Universitários a partir de informações atualizadas do Projeto de PIBIC “Museus Universitários em Pernambuco: Valoração do Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia”. Onde, na primeira fase, identificamos 24 museus universitários, na instância municipal, estadual, federal e privada. Observando suas particularidades em acervo, em consolidação e como opera sua atuação no campo universitário e social. Na segunda fase, partimos para analisar os fundamentos e estratégias que os museus adotaram para garantir que suas atividades fossem executadas.

⁴ Reconhecido por suas contribuições acadêmicas, pesquisas e participação ativa em debates sobre Museologia, patrimônio cultural da ciência e da tecnologia, atuando principalmente nos seguintes temas: museologia, conservação, patrimônio científico.

⁵ Museu universitários no Brasil. Disponível em: <https://indd.adobe.com/view/44e9e5e0-0c20-4bd0-936a-3ab0e14900a1> Acesso em: 03/04/2023.

1.3. Gestão

Para entender o campo de gestão em que os museus universitários estão inseridos, precisamos primeiramente partir do que seria esse processo. Como em grande medida os museus universitários brasileiros estão sob a tutela de instituições públicas necessitamos compreender o papel do Estado da organização da vida em sociedade. (Pereira, 2004). Para uma boa estrutura é necessário um conjunto de fatores, como um grupo político ativo perante as necessidades sociais, servidores que executem uma boa administração, de um grupo de gestores capacitados com responsabilidade nos planos democráticos.

A gestão no campo da Museologia é entendida como a ação de conduzir as tarefas administrativas do museu, como o financeiro, o jurídico, as relações dos profissionais, a segurança e manutenção da instituição, entre outros fatores. (Desvallés, Mairesse, 2013).

Os museus universitários são vinculados ao Ministério da Educação, visto que estão inseridos nas Universidades. Essa vinculação precisa ser refletida, pois parte de um ministério que tem como atividade fim a educação em nível superior, por meio de atividades de ensino, pesquisa e extensão. Sendo assim um espaço de articulação entre gestores e responsáveis pelos museus universitários, podem ser as Pró-reitorias de extensão e cultura, que promovem ações de integração da sociedade e Universidade. Acaba implicando em uma série de mecanismos onde o Estado acima de tudo precisa funcionar bem. Essa é uma característica dos bens que são públicos, e fazem parte de uma série de regras administrativas do setor público. (Ribeiro, 2017).

No cenário nacional, temos alguns espaços de discussão sobre a gestão de museus universitários como o Fórum de Museus Universitários. No ano de 2018, o fórum realizado na UFMG produziu um documento que ressaltava e recomendava que se reservasse um percentual orçamentário da universidade, incentivasse a capacitação dos gestores e trabalhadores do espaço, a promoção de ensino, pesquisa e extensão nos museus universitários. Essas recomendações são interessantes pois o Fórum tem como objetivo sensibilizar os gestores da universidades para criação de uma política de preservação do patrimônio universitário.

Através dos dados coletados sobre a gestão de museus em Pernambuco fica nítida a dificuldade de manutenção das atividades dos museus no estado, uma vez que funcionam devido ao esforço dos seus curadores diretos (professores, técnicos e alunos). Ficou observada a carência em relação à escassez de recursos humanos, financeiros e de incentivo direto das universidades. Sendo assim, a gestão dos museus universitários acontece de maneira fragmentada, extremamente dependente de iniciativas individuais de servidores das universidades. (Marques, Lira-da-Silva, 2011; Meirelles, 2015, Handfas, 2018).

Essas informações foram reunidas com a elaboração de fichas, que tiveram como base a Ficha de Museus Universitários do MAST⁶. A partir disso remodulamos a ficha, para ficar mais compatível com as necessidades pensando o eixo do estado de Pernambuco. As informações coletadas foram de:

- Designação do museu;
- Área de conhecimento do museu;
- Numeração do formulário;
- Informações (endereço, contato, unidade de tutela);
- Infraestrutura (estrutura física, recursos humanos, recursos financeiros, acessibilidade, segurança, climatização, entre outros);
- Registros (UMAC, IBRAM, Rede de Museus);
- Nota histórica;
- Atividades de ensino, pesquisa e extensão;
- Acervo (descrição, ações de documentação e conservação).

⁶ Ficha desenvolvida no Projeto Valorização do Patrimônio Científico e Tecnológico Brasileiro. (Granato, Marcus; Maia, Elias da Silva; Santos, Fernanda Pires, 2014).

Figura 1 - Imagem parcial da ficha de Museus Universitários



ACERVO	
Descrição	
<p>Documentação Museológica</p>	<p>Informar se existe: <input checked="" type="checkbox"/> inventário <input checked="" type="checkbox"/> catalogação <input checked="" type="checkbox"/> lista de objetos Observação: <input checked="" type="checkbox"/> todo acervo () em parte Suporte da documentação: <input checked="" type="checkbox"/> em papel <input checked="" type="checkbox"/> digitalizada <input checked="" type="checkbox"/> em base de dados Observação: () todo acervo <input checked="" type="checkbox"/> em parte</p>
<p>Documentação associada</p>	<p>A documentação do Centro é continuamente realizada nas atividades rotineiras do espaço. Existe um projeto específico para o inventário, e um projeto para integrar o Tainacam como base de dados do museu, realizando também fotografias de alta qualidade de todo o acervo.</p>

Fonte: Amanda Paixão.

Através da sistematização dessas fichas, identificamos que os espaços no estado de Pernambuco apresentam uma documentação básica, onde em alguns casos os objetos não possuem nem o número de registro, impedindo o conhecimento total do quantitativo do acervo.

O conjunto da preservação muitas vezes é apoiado na ação de conservação preventiva, com atividades de higienização mecânica e acondicionamento preventivo. Apresentam dificuldades de infraestrutura com espaços inviáveis para visitação, e muitas vezes não possuem reserva técnica.

Através dessas percepções identificamos que existe uma maneira de visualizar as ações de investimento dos museus universitários. Por meio de investimentos no acervo, seja através de ações na infraestrutura, contratação de pessoal especializado para realizar ações de conservação preventiva ou restauração, por exemplo.

Referente à preservação sabe-se que a conservação preventiva não é acessível e a restauração muito menos. No levantamento de museus universitários

identificamos alguns que conseguem efetivamente realizar esse processo, portanto surge a necessidade de investigar de que maneira os museus universitários conseguiram realizar atividades de restauração.

1.4. Ações de conservação preventiva e restauração

A Museologia compreende que a preservação pode ser uma ação conjunta, do momento que um objeto entra no museu, e a partir disso o protege de diferentes perigos. (Desvallées, Mairesse, 2013). A Preservação também implica nas escolhas, como por exemplo, determinar qual objeto vai passar por um processo de conversão ou restauração. No nosso trabalho focamos em duas ações, a conservação preventiva e a restauração.

A conservação preventiva realiza atividades que buscam estender a vida do objeto, em ações que focam evitar ou até minimizar futuras deteriorações ou perdas. (Desvallées, Mairesse, 2013). Precisam partir de uma reflexão teórica para melhor compreender os componentes dos objetos, assim como do espaço que estão inseridos. Esse momento de reunir informações é importante para saber que tipos de materiais e equipamentos é preciso investir, por exemplo, se o ambiente apresenta problemas de umidade precisará de um desumidificador, de ventilação, armazenamento, entre outros.

Já a restauração é uma ação recomendada quando o objeto tiver perdido alguma parte significativa ou estiver com uma deterioração muito avançada. Geralmente é um ação utilizada quando existe perda gradativa do objeto, visto que tende a ter um custo mais alto. Sendo assim, essas informações nos levam a indagar de que maneira um museu com investimento relativamente moderado, pode realizar ações de restauração. Se precisa de troca de favores ou participar de um edital para tal finalidade.

Refletindo os museus universitários é preciso ainda ressaltar que as ações de conservação preventiva precisa ser pensadas nas pluralidades do acervo. No caso do nosso estudo, podem ser de maquinários, materiais coletados em atividades de campo, obras de arte, cadernos de campo, entre outros. Onde geralmente essa multiplicidade de acervo pode apresentar estado de conservação de moderado a ruim, então as escolhas são essenciais para estender a vida dos mesmos.

O registro das condições do acervo devem estar presentes nas fichas de documentação do acervo que contém informações gerais sobre suas características e condição física (estado de conservação). A ficha documenta a vida do objeto e em nosso estudo, tornou-se uma fonte de análise na qual podemos obter informações relevantes sobre o acervo tais como: datas de criação, chegada ao museu, qual foi a forma de aquisição, quais e quando ocorreram intervenções, se o objeto já saiu da instituição para um empréstimo, entre outros.

A partir desta ficha podemos identificar por exemplo, empréstimos de objetos para exposições e contrapartidas que as instituições podiam oferecer ao museu e conseqüentemente contribuir em ações de restauro que a instituição não teria condições de realizar com recursos próprios.

É sabido então que os museus universitários apresentam dificuldades de manutenção, e para identificar de que maneira conseguem realizar ações de restauração, iremos utilizar o Centro Cultural Benfica, como estudo de caso. Essa seleção do espaço provém do Projeto PIBIC, onde identificamos um número significativo de obras restauradas no CCB e que dão indícios dessas estratégias.

2. CAPÍTULO II: Histórico do Centro Cultural Benfica

O edifício do Centro Cultural Benfica (CCB), é um antigo prédio localizado na Rua Benfica, 157, no bairro da Madalena, Recife. O espaço faz parte de um conjunto de residências nobres do século XIX, que se estabeleceram no Rio Capibaribe. (MAPA CULTURAL DE PERNAMBUCO).

Figura 2 - Centro Cultural Benfica



Fonte: ufpe/proexc.

O prédio passou por uma série de usos, é sabido que o local já pertenceu a família do artista Lula Cardozo Ayres. Já foi uma pensão, ficou à venda, abrigou a Escola de Música, o Departamento de Extensão e Cultura e o Museu da Universidade Federal.

Por isso existe uma necessidade de ressaltar cada uma dessas repartições, pois todas possuem grande influência no CCB atualmente, seja pela sua história, gestão, quanto pela reunião do acervo.

2.1. Escola de Belas Artes de Pernambuco

No ano de 1932, o prédio a frente do CCB, de número 150, foi alugado para ser a Escola de Belas Artes de Pernambuco (EBAP), que anos mais tarde foi comprado e depois doado pelo governo de Pernambuco para a Escola. (Barbosa, 2007). Hoje o prédio da antiga EBAP aloca a FACEPE (Fundação de Amparo a Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco).

Figura 3 - Antiga EBAP



Fonte: ipatrimônio.

Figura 4 - Localização dos espaços



Fonte: Amanda Paixão.

2.2. Escola de Música – Anexo da EBAP

No ano de 1958, a Universidade do Recife adquiriu o prédio de número 157 (atual CCB), durante a gestão do Professor Joaquim Amazonas. Funcionando como a Escola de Música, anexo da EBAP. (Certidão de Compra, livro 201, folhas 08v/12v).

Durante a década de 1970, com a criação do campus da Universidade Federal de Pernambuco, a EBAP e a Escola de Música migraram para o Centro de Artes e Comunicação (CAC), junto com a Faculdade de Arquitetura, Departamento de Letras e do Curso de Biblioteconomia. Ganhando o endereço da Cidade Universitária, no bairro da Várzea, na cidade do Recife.

2.3. Departamento de Extensão e Cultura

O CCB possui uma forte ligação com o Departamento de Extensão Cultural (DEC) da UFPE, que no início tinha o nome Serviço de Extensão Cultural (SEC). Criado em 1962, pelo reitor João Alfredo, teve Paulo Freire como primeiro diretor. (Diário de Pernambuco, Ano 1962, Ed. 74).

O endereço era na rua Gervásio Pires, e tinha como finalidade atender estudantes de todos os níveis. (Diário de Pernambuco, Ano 1962, Ed. 93). Foi nesse momento que se identificaram registros da fala sobre a revista “Estudos Universitários”, e a interação social que se pretendia estabelecer.

[...] o reitor João Alfredo: “O Serviço de Extensão Cultural, SEC, destina-se a prolongar a função educativa da Universidade, isto é, promover a difusão da cultura a fazer com que a comunidade melhor sinta a presença da sua universidade, a colaborar na educação, em setores extra-universitários, através de cursos, palestras, publicações; a organizar documentação que permita fornecer informações de interesse científico, técnico, cultural (Diário de Pernambuco, Ano 1962, Ed. 95).

A gestão de Paulo Freire foi marcada pela campanha de alfabetização, ministrada pelo próprio, para formar alfabetizadores. Sendo uma parceria do SEC

com a União dos Estudantes de Pernambuco. (Diário de Pernambuco, Ano, 1963, Ed. 6). A campanha recebeu uma doação de 10 milhões de cruzeiros da Cia. Fiat Lux para aplicar a campanha na cidade de São Lourenço da Mata - PE.

Durante 1966, teve como diretor o professor Newton Sucupira, que recebeu de Hermilo Borba Filho, diretor da Divisão de Cultura do departamento, um plano de atividades para com o DEC.

Por volta de 1967, agora como diretor do DEC, Hermilo Borba Filho adquiriu cerca de 236 peças para compor o acervo. Grande parte dessa coleção é proveniente de artistas pernambucanos, e reúne nomes como Vitalino, Porfirio Faustino, entre outros. A passagem de Hermilo foi marcada pela inserção de peças de cultura popular, de artistas conhecidos e anônimos, que representavam em suas obras o cotidiano.

Por volta da década de 1970, teve Ariano Suassuna como diretor do DEC, o mesmo conseguiu uma verba através do Conselho Federal de Cultura, para implementação das atividades, evidenciando suas preocupações em torno da cultura e educação. Esse cargo de Suassuna era visto como um fator positivo que beneficiava o espaço.

Verba de NCr\$ 47 mil foi liberada pelo Conselho Federal de Cultura para o Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco, para a incrementação das atividades culturais [...] A informação é do escritor Ariano Suassuna, membro do Conselho e autor da proposta para a concepção da verba. Atualmente, o professor Ariano Suassuna está na direção do Departamento de Extensão Cultural da UFPE, sendo uma das suas principais preocupações, no momento, ampliar os estudos em torno da música, teatro e cinema (Diário de Pernambuco, Ano 1970, Ed. 61).

O professor Ariano Suassuna é membro do Conselho Federal de Cultura, posição apontada por alguns, como fator positivo no que diz respeito a uma solução dessa natureza beneficiando o DEC (Diário de Pernambuco, Ano 1970, Ed. 87).

Sabe-se que por volta de 1974, Ariano Suassuna tinha muita evidência nos jornais, com manchetes de “Cordel e Armorial são principais realizações de Suassuna no DEC”. Foi nesse momento que ele passou seu cargo para o Professor Guilherme Salazar, que ficaria no cargo até Marcos Albuquerque, novo diretor efetivo, tomar posse. Entre suas realizações para com o acervo, também conseguiu publicar a Revista Estudos Universitários e o Jornal Universitário.

Com um acervo avaliado pelos especialistas no valor de 250 mil cruzeiros em obras de artes – tapeçaria, pintura, escultura, gravura e talhas – o DEC será a base para implantação do Museu da Universidade Federal de Pernambuco. [...] salientando que não se tratava propriamente de uma

despedida, pois Suassuna continuará ligado à Universidade, não só como professor, mas, também dando a sua colaboração, a fim de que seu substituto continue a mesma programação, principalmente no que tange às artes e à música armorial, de cujo movimento é o principal artífice (Diário de Pernambuco, Ano 1974, Ed. 263).

Ariano teve em sua gestão a criação e conceituação do movimento armorial, trazendo para o Museu obras de nomes como Gilvan Samico, Brennand, Francisco José Borges, entre outros. Implementou ao acervo a literatura de cordel, da qual considerava uma de suas grandes realizações enquanto diretor. (Diário de Pernambuco, 1976).

Figura 5 - Ariano Suassuna e o movimento armorial



Ariano Suassuna: do cordel ao Armorial, a valorização da arte nordestina
Fonte: Diário de Pernambuco, 1976.

Em 1975, o Reitor Paulo Maciel convidou o poeta Marcus Accioly, para ocupar o cargo do DEC. Visto que o mesmo participava do movimento armorial, e seguiria com as ideias de Suassuna ampliando o acervo com artistas regionais.

Entre os planos do novo diretor do DEC está a criação de um Museu para a Universidade, “cujo acervo já foi fartamente recolhido durante a gestão de Ariano Suassuna” (Diário de Pernambuco, Ano 1975, Ed. 282).

Foi nesse momento que a EBAP estava se transferindo da rua Benfica para o campus universitário, no bairro da Várzea. Foi então ano de 1976, que Marcus Accioly diretor do DEC (Departamento de Extensão e Cultura), teve a iniciativa de um projeto de restaurar os danos do edifício do CCB, para alocar no espaço o “Museu da Universidade Federal de Pernambuco”, percebe-se que neste momento o espaço seria uma Museu da UFPE, juntamente com o DEC. Accioly também foi responsável pela escolha das peças que iriam compor o acervo.

Ainda neste ano, o reitor Paulo Maciel es-tará inaugurando o Museu da Universidade Federal de Pernambuco, que vai funcionar na Rua do Benfica. A coor-denação e escolha das peças está a cargo do poeta Marcus Accioly, o que representa uma ex-celente escolha (Diário de Pernambuco, Ano 1976, Ed. 229).

Accioly solicitou o acervo da EBAP para compor o Museu, visto o significativo valor que a escola tinha em produções de arte moderna. Possuindo também um rico mobiliário utilizado por alunos e professores, que foram encomendadas ao Liceu industrial. Assim, peças de artistas como Fédora do Rêgo Nascimento, Balthazar da Câmara, Murillo La Greca, entre outros artistas, foram incorporadas ao acervo.

Um ano mais tarde, em 1977, o DEC se transferiu para a Rua Joaquim Nabuco, de número 574. Pois houve a necessidade de mais espaço físico para a realização das atividades, enquanto o edifício passava pela restauração.

O novo prédio oferece melhores condições para instalação do amplo acervo de artes plásti-cas e funcionamento de outros setores daquele Departamento. Saliencia Marcus Accioly, que “essa transferência mar-cará o início de um trabalho cultural-universitário que, mesmo com alguns esforços isolados, ainda não foi reali-zado em Pernambuco. O DEC pretende atingir o estudante e o povo, o popular e o erudito, dentro de um sistema de real integração (Diário de Pernambuco, Ano 1977, Ed. 195).

Mar-cus Accioly, providen-ciará a derrubada do muro, “para quebrar a barreira que ainda existe – e não deveria existir – en-ter o órgãõ e o público, melhorar o acesso e dar ampla visão da casa e do jardim” (Diário de Pernambuco, Ano 1977, Ed. 202).

Figura 6 - Nova sede do DEC



Fonte: Diário de Pernambuco, 1977.

No ano de 1979, o secretário de Assuntos Culturais do Ministério da Educação e Cultura, Márcio Tavares d'Amaral, acompanhado de Marcus Accioly, fez uma visita ao centro da UFPE com a finalidade de conhecer de perto o trabalho dos artistas. O espaço também alocou a Coordenação Cultural do Nordeste, e que a reunião do acervo seria popular erudita.

A Coordenação Cultural do Nordeste, que funcionará na Rua Benfica, 157, ao lado do Museu da Universidade Federal de Pernambuco (a ser inaugurado), terá como linha de ação a preocupação com a cultura popular erudita no Nordeste, começando pelo levantamento do patrimônio e incentivo dos artistas (Diário de Pernambuco, Ano 1979, Ed. 173).

A inauguração do Museu ficou marcada para 30 de agosto de 1979, com suas obras dinamizadas, e com um projeto inovador de um teatro flutuante no Rio Capibaribe.

O Museu da Universidade Federal de Pernambuco, que está sendo instalado na antiga sede da Escola de Arte, na rua Benfica, Madalena, por determinação do reitor Paulo Maciel, teve as obras dinamizadas a fim de ser inaugurado no dia 30 de agosto. No mesmo prédio funcionarão o Departamento de Extensão Cultural e a sede da Coordenadoria Regional do Ministério da Educação e Cultura. O projeto prevê o aproveitamento do rio Capibaribe, para instalação de um teatro flutuante, o primeiro na região (Diário de Pernambuco, Ano 1979, Ed. 182).

Não se sabe ao certo de qual finalidade tomou esse projeto, se foi efetivado ou não. Porém no início de 1980, Milton Baccareli, encenador destacado de Pernambuco, idealizou o Teatro Joaquim Cardozo. Possui um diferencial de um espaço pequeno, aconchegante e bem equipado.⁷

A solicitação de tombamento do edifício foi realizada em 1980, à Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE), visando proteger o espaço. Accioly comentou seu receio em perder o estilo neoclássico e as singularidades do casarão para o caso de alguma possível reforma. (FUNDARPE, 1980).

Em 1981, o reitor Geraldo Lafayette passou o cargo de diretor do DEC, para o professor Murilo Domingos da Silva. E Marcus Accioly ficaria assumindo a Coordenadoria Cultural do Nordeste. (Diário de Pernambuco, Ano 1981, Ed. 149). A passagem de Murilo no DEC, foi marcada por realizações de cursos para o público, como de cerâmica, música, artesanato, fotografia, entre outros. Realizando

⁷ Site: Teatro Joaquim Cardozo UFPE. Disponível em: <
<http://teatrojoaquimcardozoufpe.blogspot.com/p/sobre-o-tjc.html>> Acesso em: 19/03/2023.

uma exposição com as peças provenientes dos cursos.

Os cursos são promoção conjunta do DEC, da Pró-reitoria Acadêmica e da Fundarpe e os interessados podem inscrever-se na rua Benfica, 157, Madalena (Diário de Pernambuco, Ano 1982, Ed. 174).

Os objetos expostos foram produzidos por artistas que aprenderam novas técnicas nos cursos do DEC, que é vinculado à Pró-Reitoria Comunitária da UFPE. Eles se utilizaram de matéria-prima regional. A exposição está aberta ao público de segunda a sexta-feira, no horário comercial, à Rua Benfica, 157, sede do DEC e seu objetivo é divulgar os trabalhos de artesanato desenvolvidos naquele Departamento (Diário de Pernambuco, Ano 1982, Ed. 327).

Essa mostra durou alguns anos e era vista como uma “mostra criativa” e curiosa, recomendada em notícias com muito entusiasmo.

Quem passar pela Rua Benfica, na Madalena, não deixe de dar uma entrada no número 157. Lá funciona o Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco que na noite da última sexta-feira inaugurou uma curiosa exposição de trabalhos experimentais de seus alunos. [...] Realmente, trata-se de uma mostra de criatividade (Diário de Pernambuco, Ano 1983. Ed. 147).

No início de 1984, Jomard Muniz de Britto tomou posse do cargo de diretor do DEC, com uma expectativa de renovação. Jomard tinha participação no movimento cultural e era conhecido por uma capacidade criativa. (Diário de Pernambuco, Ano 1984, Ed. 17). No fim do mesmo ano pediu demissão do cargo, e não se sabe ao certo o motivo.

No ano de 1994, a gestão de Moisés Andrade planejou a ampliação do acervo do DEC com a aquisição de exemplares de Literatura de Cordel. Reunindo cordelistas como Anistaldo Lins, Derlane Monteiro, Firmino Teixeira do Amaral, entre outros. (Catálogo DEC, 1994).

Durante o ano de 1997, foi iniciada uma dinamização do acervo, as fichas de catalogação eram criadas de acordo com cada objeto, não permitindo uma padronização de informações. Seguindo padrões e normas do ICOM, a nova ficha passou a reunir diversos campos com a finalidade de abranger a totalidade de tipologias do acervo. Nesse período foram adquiridos traineis e mapotecas para a reserva técnica, esse projeto teve a participação da Professora Franciza Toledo, como consultora do CCB.

Em 1999, Albino Barbosa de Oliveira Junior assumiu o cargo de museólogo do DEC, iniciando suas atividades com um diagnóstico dos bens tombados. Nesse momento o acervo ganhou número de registro, além do número de tombamento.

Na documentação o museólogo identificou alguns problemas nas fichas de catalogação, com preenchimentos incorretos. A partir disso, começou observando cada uma das tipologias do acervo para encontrar possíveis falhas. Encontrou na coleção de pinturas marcações de número indevidas, como por exemplo, sigla da instituição incorreta. Na coleção de cerâmica a marcação tinha sido realizada com uma espécie de tinta branca, que prejudicaria o estado de conservação das peças.

Com o levantamento dessas informações começou a catalogação correta do acervo, elaborando uma ficha com campos que dessem conta da diversidade das peças. Primeiramente aplicou as fichas na coleção de artes visuais, com aproximadamente 480 peças. E ao catalogar realizava a higienização básica do acervo, dinamizando suas atividades.

Com as fichas preenchidas, realizou o processo de banco de dados online, permitindo maior rapidez ao acesso de informações. Assim foi criado o SICAM (Sistema de Catalogação do Acervo Museológico), com o auxílio de estudantes e professores do Departamento de Informática da UFPE.

Referente ao espaço do Museu, Albino indicou retirar vitrines da sala Baltazar da Câmara, pois percebeu que existia uma dificuldade de transitar no espaço, e que isso oferecia perigo para o acervo. Então a sala foi transformada em auditório e galeria de pequeno formato. No salão 1, a mudança foi na escolha de textos pequenos e mais explicativos. O salão 2 passou a locar as peças da sala Baltazar da Câmara, e as peças que estavam expostas nele iriam para a reserva técnica. No segundo pavimento, a sala de financeiro se uniu à sala de digitação, para ganhar uma segunda sala de reserva técnica.

Albino promoveu cursos com temáticas de museografia, e atividades como montagem de exposição, projetos de exposição, conservação, organização de reserva

técnica, entre outros. Sua passagem como museólogo do DEC promoveu mudanças significativas na gestão do acervo e Museu, com suas ações de documentação, otimizou o tempo e garantiu uma melhor segurança para os objetos.

2.4. Centro Cultural Benfica

Entre 1990 e 1996, o prédio passou por mais um restauro. Dessa vez para reparar danos feitos pela ação das chuvas, com a finalização do processo o espaço foi reinaugurado em 2001, e ganhou uma nova titulação, a de Centro Cultural Benfica.

No Brasil, os espaços culturais mais conhecidos foram aqueles criados pela corte portuguesa, incluindo o museu, teatro e biblioteca. O termo Centro Cultural surgiu na França do século XX, e tinha como objetivo fornecer diversas finalidades ao público, como criar e disseminar cultura. (MILANESI, 1997).

A união de um museu, teatro e biblioteca, reflete também na estrutura de um Centro Cultural. Os mesmos contam com salas de atividades como idiomas, informática, galerias, entre outros.

El objetivo de un centro cultural es promover los valores cultu- rales entre los miembros de la comunidad donde se localiza. Se estructura em torno a espacios amplios donde tienen lugar diferentes manifestacio- nes culturales que enriquecen y animam la vida cultural de la población local. [...] Son edificios amplios que cuen- tan, em general, com um audi- torio com escenario para teatro o cine, biblioteca y videoteca, sala de ordenadores, salones para actividades académicas o talleres, laboratorio de idiomas, galerias y, a veces, memorial o exposición permanente (DECARLI, CHRISTOPHE, 2012, p.18).

Essa inserção de múltiplos espaços se deu no CCB, durante o ano de 2003, quando o CCB iniciou a incorporação de arte contemporânea ao acervo. Isso foi possível a partir da conexão com o Instituto de Arte Contemporânea (IAC), que foi sediado nas locações do CCB. E o acervo foi incorporado através de contrapartidas de editais do IAC, onde o artista doaria uma peça para o CCB. Dessa maneira o IAC tem como objetivo realizar e disseminar a produção artística.

2.5. Projetos do CCB

Em 2004, o CCB teve um importante programa aprovado no Petrobras Cultural, do qual permitiu que 316 obras de cerâmica fossem restauradas. Esse é um dos projetos que norteia a discussão no próximo capítulo, identificando quais objetos foram restaurados.

Em 2013, o CCB teve Marcos Galindo como diretor do CCB, professor do Departamento de Ciência da Informação pela UFPE, graduado em Biblioteconomia Mestre e Doutor em História. Galindo solicitou uma avaliação da reserva técnica pela FUNDAJ (Fundação Joaquim Nabuco), que avaliou a reserva do CCB a mais segura da cidade do Recife.

3. CAPÍTULO III – As atividades do CCB: ações de Preservação

O Centro Cultural Benfica possui cerca de 4675 obras (SICAM), seu acervo é formado por pinturas, desenhos, mobiliário, cordel, cerâmica, entre outros, da cultura popular e erudita. Atualmente é vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC) da Universidade Federal de Pernambuco, e faz parte da Rede de Museus da UFPE, que auxilia os museus, coleções e galerias, com a manutenção e incentivo das suas atividades.

3.1. Panorama dos museus universitários em Pernambuco

A partir do projeto PIBIC, identificamos cerca de 24 espaços no estado de Pernambuco, nas instancias federais, estaduais e privadas. Ressaltando que esses dados são apenas para espaços museológicos. Identificamos que os museus universitários possuem algumas semelhanças, uma delas é referente ao seu surgimento, que parte de um propósito de salvaguardar a história de determinada área científica, seja pelos objetos de PCC&T que evidenciam a trajetória acadêmica, seja pelo edifício que muitas vezes foram provenientes de espaços educacionais, como o exemplo do CCB que foi a antiga Escola de Música.

Os museus universitários apresentam carências quanto à gestão e financiamento. Observamos que isso geralmente ocorre devido à falta de incentivo, investimento, gestão, entre outros fatores. Uma questão trazida por Maria Cristina Bruno, em sua fala na Semana dos Museus da UFEPel de 2021, discute a relação dos profissionais tanto da Museologia como de outras áreas, para com os museus universitários.

E muitas vezes também, o que eu acho que eu tenho vivenciado sistematicamente, uma incompreensão, ou melhor uma ausência de compreensão de outros profissionais, para além daqueles que atuam diretamente na museologia, sobre as particularidades e as singularidades dos museus universitários. E essa incompreensão ela é, não só de colegas externos que trabalham em outras unidades de ensino e de pesquisa, mas muitas vezes também de colegas que trabalham nos museus também (BRUNO, 2021).

As maneiras adotadas a fim de contornar essas dificuldades são através de editais, bolsas sem remuneração, projetos, participação, entre outros.

Por essa série de situações os espaços dificilmente conseguem efetivar suas atividades museológicas, como por exemplo a de documentação e preservação. A partir disso, nos deparamos com o CCB, que apresenta uma particularidade na gestão, efetivando atividades no âmbito da Preservação, como a restauração, por exemplo.

3.2. Ações de preservação no CCB

Em relação ao processo de documentação, o CCB apresentou ao longo do tempo uma construção de atividades como fichas de documentação, inventário, por exemplo. E atualmente todo o acervo está inventariado, disposto no SICAM, e passando por um processo de transição do SICAM para o Tainacam⁸. A partir disso, observamos que o CCB, como um espaço universitário, configura ações mais fundamentadas, apresenta uma documentação bem estruturada.

Pensando a priori o ambiente, o edifício do CCB é um espaço que foi construído e pensado como um casarão e não como um museu, ou seja, não foi criado com salas já pensadas, como expositivas, reserva técnica, entre outras. Portanto, o acervo foi se adaptando as condições do ambiente, e com o tempo foi ficando com sujidades, danificações, perdas na estrutura, entre outros problemas. O estado de conservação das peças é mensurado em: bom, regular e ruim, e pode ser encontrado na aba “Estado de Conservação” do SICAM.

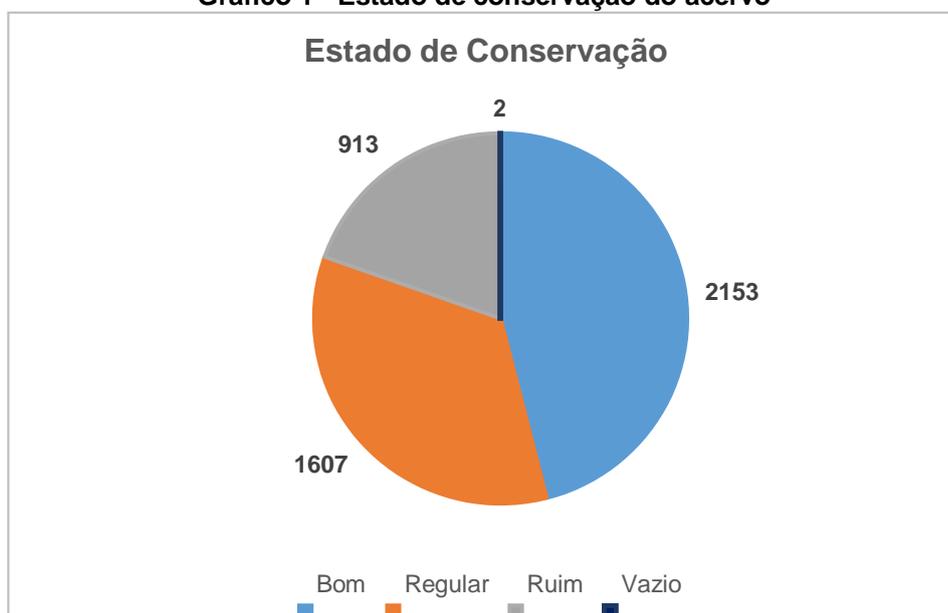
⁸ O Tainacan é um software desenvolvido para criação de repositórios digitais, contribuindo para com a preservação e comunicação de produção cultural. Disponível em: <https://tainacan.org/>.

Tabela 1 - Estado de conservação do acervo

Estado de Conservação	Contar classe
Bom	2153
Regular	1607
Ruim	913
Vazio	2

Fonte: Tabela desenvolvida pela autora tendo como base o SICAM.

Gráfico 1 - Estado de conservação do acervo



Durante esse tempo o acervo ganhou algumas ações de restaurações, essas informações estão no SICAM e em relatórios, visto que fichas de conservação foram aprimoradas recentemente, e as de documentação não armazenam tais informações. De acordo com o SICAM cerca de 342 peças já foram restauradas, o que é bastante promissor e impulsiona a pesquisa a refletir como um espaço universitário cumpre determinadas atividades. Na aba “Observações” podemos encontrar a informação de restauro, que foi armazenada nesse campo, juntamente com quem realizou e qual modificação fez.

Tabela 2 - Obras restauradas por ano

Ano	Número de obras restaurados
1985	1
1993	9
2006/2007	325
2016/2017	7
Vazio	1
Total	343

Fonte: Tabela desenvolvida pela autora tendo como base o SICAM.

Queremos evidenciar alguns pontos, o primeiro é em relação à quantidade de obras restauradas, que esse quantitativo pode não coincidir com a realidade, por exemplo, uma obra pode ter sido restaurada mais de uma vez, mas em decorrência ao SICAM ter essa informação na aba “Observações” a informação fica um pouco solta. Por exemplo a obra Canto de Atelier do artista Francisco Brennand (Figura 5), de acordo com o SICAM ela foi restaurada em 2016/2017, mas o que se sabe é que já foi contemplada em uma intervenção anterior. Por isso, o quantitativo de ações já realizadas é um número imparcial.

Figura 7 - Canto D'atelier (Francisco Brennand)



Fonte: Relatório parcial de restauração.

A partir disso, outro ponto é levantado, referente à escolha da restauração, que não está necessariamente ligada ao estado de conservação. Escolhas precisaram ser tomadas para indicar qual peça seria ou não contemplada, como por exemplo, o valorsimbólico para instituição, algum evento comemorativo, entre outros fatores.

Decorrendo o tempo encontramos quais obras foram restauradas durante os anos a partir do SICAM, sabe-se que em 1985 uma obra foi restaurada pelo artista plástico Ypiranga Filho, em uma pintura de John Henry Elliot. Em 1993, houve cerca de 9 restauros de pinturas de artistas como Francisco Brennand, Baltazar da Câmara, Vicente do Rego Monteiro, entre outros, através da Fundação Joaquim Nabuco.

Em 2004, teve um projeto idealizado pelo Coordenador do acervo museológico, Albino Oliveira, no programa Petrobrás Cultural, com apoio da Fundação Joaquim Nabuco, onde cerca de 316 objetos de cerâmicas foram restaurados. De artistas como Vitalino, Porfírio Faustino, Ciça Loiceira, entre outros. (PROJETO SUBMETIDO AO PROGRAMA PETROBRAS CULTURAL, 2004).

Figura 8 - Família de Retirantes (Mestre Vitalino)



Fonte: Catálogo – Universidade Federal de Pernambuco: Patrimônio Artístico em Exibição, 2018.

As ações de fato aconteceram em 2006, o responsável pela restauração foi o LABORARTE (Laboratório de Pesquisa, Conservação e Restauração de Documentos e Obras de Arte), com patrocínio da Petrobras, teve como administrador financeiro a

Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da UFPE – FADE e Albino Oliveira como Coordenador do acervo museológico.

A equipe dividiu a coleção em 3 lotes, pensando semelhanças entre o tamanho e tratamento, dinamizando as atividades. As etapas englobavam: embalagem, documentação fotográfica e fichamento, refixação da camada pictórica, limpeza e remoção de sujidades, preenchimento de lacunas, refixações e substituições e reintegração cromática. Porém nem todas as peças precisavam dessas atividades, dependendo do grau e da necessidade da peça.

Nessas intervenções foram identificadas particularidades quanto à produção dos artistas, como os materiais utilizados.

Enquanto Vitalino lançava mão de tintas industriais à base óleo, misturando-as entre si e com outros pigmentos para obtenção dos tons de cor desejados, Porfirio Faustino usava uma tradicional técnica para coloração de objetos cerâmicos, conhecida como engobe. Tal técnica consiste em utilizar argila de tonalidade diferente da que foi utilizada na base, diluí-la e aplica-la diretamente sobre a peça (Segundo Relatório Parcial do Projeto de Restauração da Coleção de Cerâmica, 2006)

Ainda durante os anos 2006 e 2007, se totalizam 18 obras do artista Gilvan Samico, que de acordo com o SICAM foram restauradas pelo Laboratório da Fundação Joaquim Nabuco com patrocínio da Caixa Econômica Federal. Anos depois em 2008, essas obras fizeram parte da Exposição Gilvan Samico – 80 anos, que celebrou os 80 anos do artista com essa homenagem.

Os visitantes poderão conferir 15 xilogravuras, duas serigrafias e três óleos sobre madeira, produzidos entre as décadas de 60 e 70. A coleção foi organizada pelo escritor Ariano Suassuna quando exerceu o cargo de Diretor do Departamento de Cultura da UFPE, entre 1986 e 1974, o que futuramente originou o Centro Cultural Benfica (NE 10, UOL, 2008).

Figura 9 - Figura de Duas Mulheres (Gilvan Samico)



Fonte: Catálogo – Universidade Federal de Pernambuco: Patrimônio Artístico em Exibição, 2018.

Portanto, durante os anos de 2006 e 2007 se totalizam 325 restaurações no acervo, informação obtida através de relatórios e SICAM. Em 2016, em comemoração aos 70 anos da UFPE, a partir de um projeto da museóloga Penélope Bosio, o acervo teve 7 pinturas restauradas, de artistas como Francisco Brennand, Reynaldo Fonseca, entre outros. Ação realizada por Nilse Fontes, artista que participou da primeira turma de pintura da Escola de Belas Artes de Pernambuco.

Tabela 3 - Obras restauradas entre 2016/2017

Autor	Título
BRACET, Augusto	Nu Feminino Deitado (Academia)
BRENNAND, Francisco	" Canto D'atelier "
FONSECA, Reinaldo de Aquino	" Retrato nº 1 "
MELO, Daura	" Natureza Morta "
NUNES, Mário	" O Sena e a Torre Eifel "
VISCONTI, Eliseu d'Angelo	Figuras no Bosque
VISCONTI, Ivone	Meninas no Jardim

Fonte: Tabela desenvolvida pela autora tendo como base os relatório.

As obras foram registradas e documentadas, e a atividade aconteceu no 1º andar do CCB. Receberam um tratamento de limpeza, remoção de manchas, verniz oxidado, nivelamento de obturações, reintegração cromática, aplicação de verniz protetor e substituição das ferragens, e as peças que já passaram por restauros anteriores tiveram uma atenção maior. (Relatório de Serviços – Conservação e Restauro de Obras de Arte, 2017).

Figura 10- Nilse e Nathalie Fontes

Fonte: Diário de Pernambuco /D.A Press/ Crédito Paulo Paiva. Ano: 2016.

A partir dessa restauração foi feita uma série de recomendações para a conservação dessas obras, como vistoriar a cada 30 dias o verso dos quadros, higienizar a cada 60 dias, ter controle da luz, transporte, entre outros.

3.3. Caminhos adotados para ação de restauração

Como podemos identificar, os desdobramentos adotados para efetivar a ação de restauração ocorreram a partir da elaboração de projetos, juntamente com a universidade e outras instituições. Observamos também a importância do incentivo pessoal dos profissionais que elaboraram esses projetos, partindo de uma “gestão” individual, ou seja, as ações muitas vezes depende de iniciativas individuais de servidores das universidades.

Nessas iniciativas, o CCB participa da Rede de Museus, que reúne profissionais de áreas como Museologia, História, Patrimônio, PCC&T, gestão, para pensar os espaços universitários, a fim de preservar o patrimônio cultural da Universidade.

“Ela foi criada com o objetivo de fortalecer as ações de preservação do patrimônio cultural da Universidade desenvolvidas por suas instituições museológicas. Atualmente 14 espaços, das mais diversas áreas de conhecimento, compõem a rede, e sua institucionalização se configura como

uma estratégia de imensa importância para a UFPE e toda a sociedade, uma vez que fortalecerá e, em alguns casos, possibilitará o desenvolvimento de ações de manutenção, proteção, apoio, segurança e fornecimento de condições técnicas adequadas ao seu funcionamento e à preservação dos seus acervos, incentivando, assim, outros espaços a se integrarem”, afirmou o diretor de Cultura da Proexc, professor Hélio Pajeú (ASCOM – UFPE, 2022).

Essa troca de saberes evidencia a importância das conexões entre os espaços, entendendo que os mesmos podem consultar a Rede de Museus. A partir disso se estabelece uma troca de saberes entre os espaços, e nessa troca o CCB pode contribuir com outras instituições indicando metodologias, seja por meio das atividades como documentação, apresentando o SICAM, fichas de documentação entre outros; seja promovendo o incentivo a participar de editais, pesquisas e projetos, caminhos adotados que serviram como propulsores das atividades.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho pretendeu compreender o tema de gestão dos museus universitários direcionando o debate para a observação de um objeto de estudo, o CCB. Partindo de uma hipótese levantada no PIBIC, onde identificamos dentre os museus universitários do estado de Pernambuco, o CCB apresentou uma melhor elaboração em suas atividades. Para atingir os resultados iniciamos a pesquisa analisando os conceitos de museu universitário, gestão dos mesmos e ações de preservação, utilizando referenciais bibliográficos.

Depois levantamos a história do CCB, percebendo seus processos de consolidação e manutenção. De primeiro momento iríamos utilizar como fonte as informações internas, mas sentimos a necessidade de pesquisar em outros espaços, como a Hemeroteca Digital, principalmente no Diário de Pernambuco, dessa forma conseguimos construir uma espécie de linha do tempo mais completa.

Dentro dessa perspectiva entendemos que o processo de criação e consolidação do CCB parte de outros espaços que precisam ser mencionados para compreender sua conjuntura. Como a relação com a EBAP, que teve o acervo incorporado ao CCB. A ocupação no prédio da antiga Escola de Música estabelece uma relação com a mesma. Em relação ao DEC possui uma maior historicidade, a articulação gerada pelos gestores ao longo do tempo permitiu uma série de atividades, como a restauração do edifício, reunião do acervo erudito e de cultura popular.

Em seguida traçamos a pesquisa para levantar as restaurações, utilizamos o SICAM para ter conhecimento dos anos. A partir da demarcação temporal, acessamos os relatórios, projetos, entre outros documentos que pudessem trazer mais informações de como as atividades de restauração aconteceram. Concluímos então que os projetos partem muitas vezes para exposições ou eventos comemorativos, e que as escolhas dos objetos que irão ser contemplados parte dessa finalidade. Nos fazendo indagar se o critério de estado de conservação é levado em conta, ou o processo de escolha contempla o objeto com maior valor simbólico, artístico, entre outros.

Um ponto a ser melhorado seria referente às informações, principalmente sobre o SICAM, que criado em 1999, precisa de revisões e melhorias. Essa questão está sendo solucionada com a transferência do SICAM para o Tainacam, permitindo uma maior segurança e detalhamento das informações. Outro lugar que as informações de processos anteriores deveriam estar melhor descritas seriam nas fichas de documentação e conservação, permitindo maior segurança do acervo. Pois dessa maneira se terá o conhecimento total dos processos tomados, como materiais, equipamentos, até indicações de conservação preventiva. Dessa forma cada ficha, seja de documentação ou restauro acompanhará tais informações, e futuramente qualquer profissional que esteja no CCB tenha conhecimento dos processos que cada peça já passou. Em pesquisas futuras pode-se avaliar o funcionamento dessas fichas (documentação e conservação) para a segurança do acervo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Bruno Melo de. **Entre objetos e instituições: Trajetória e constituição dos conjuntos de objetos de C&T das Engenharias em Pernambuco**. 2019. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST. Rio de Janeiro, 2019. 352p. Orientador: Prof. Dr. Marcus Granato.

BRASIL. **Estatuto dos Museus**. Lei 11.904, de 14 de janeiro de 2009.

BARBOSA, Virginia. Escola de Belas Artes de Pernambuco. *In: Pesquisa Escolar*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2007. Disponível em: <https://pesquisaescolar.fundaj.gov.br/pt-br/artigo/escola-de-belas-artes-de-pernambuco/>. Acesso em: 18/03/2023.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Os Museus Universitários e seus desafios. Transcrição da Palestra Maria Cristina Oliveira Bruno. *In: Anais da Semana dos Museus da UFPel*. Org.: BACHETTINI, Andréa Lacerda. SANTOS, Eleonora Campos da Motta. – Pelotas: Ed. da UFPel, 2021. – v. 5 – Realização da Rede de Museus da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura.

Carta do Rio de Janeiro sobre o Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia. *In: IV Seminário Internacional Cultura Material e Patrimônio de Cultural de Ciência e Tecnologia*. MAST: Rio De Janeiro, 2017. Disponível em Carta do Rio de Janeiro sobre Patrimônio Cultural da C&T — Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST (www.gov.br)

CERTIDÃO DE COMPRA, livro 201, folhas 08v/12v.

CUNHA, S. C. V. da. **A Formação do Acervo Museológico do Centro Cultural Benfica**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia), UFPE, 2019.

DECARLI, Georgina. CHISTOPHE, Luckner. ¿Museo, centro cultural o ambos?. **CULTURA Y DESSARROLLO**, [s. l.], UNESCO, ed. 8, 2012.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. Tradução: Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2013.

FACEPE. **Edital nº 26/2021 de Ciência, Tecnologia e Inovação nos Museus de Pernambuco – Museus 2022**. Disponível em: <<http://www.facepe.br/facepe-lanca-edital-ciencia-tecnologia-e-inovacao-nos-museus-de-pernambuco/>> Acesso em: 07/02/2022.

FUNDARPE. Processo de tombamento da casa no 157 da Rua Benfica. Recife, 1980. 70 p.

GRANATO, Marcus; MAIA, Elias da Silva; SANTOS, Fernanda Pires. **Valorização do patrimônio científico e tecnológico brasileiro: descobrindo conjuntos de objetos de C&T pelo Brasil**. An. mus. paul. [online]. 2014, vol.22, n.2, pp.11-34.

Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010147142014000200002&script=sci_abstract.

HANDFAS, Ethel Rosemberg; GRANATO, Marcus; LOURENÇO, Marta Catarino. O patrimônio cultural universitário de ciência e tecnologia: os acervos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *IN: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 17., 2016, Salvador. Anais... Salvador: UFBA, 2016.

HANDFAS, Ethel Rosemberg. **O patrimônio cultural de ciência e tecnologia nas universidades: os objetos e coleções da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

JULIÃO, Letícia. O Desafio da Comunicação nos Museus Universitários. *IN: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília*, UNB – Brasília, 2020.

MARQUES, Roberta Smania; SILVA, Rejâne Maria Lira da. O reflexo das políticas universitárias na imagem dos museus universitários: o caso dos museus da UFBA. **Museologia e Patrimônio - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio**, v. 4, n. 1, 2011.

Mapa Cultural. Disponível em: <<https://www.mapacultural.pe.gov.br/espaco/37/>>. Acesso em: 18/03/2023.

MILANESI, Luiz Augusto. **A casa da invenção: biblioteca, centro de cultura**. 3.ed. rev. e amp. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. Educação, memória e patrimônio: a comunicação do passado no Memorial da UFRPE. *IN: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho 2011.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. Instituições, bom Estado, e reforma da gestão pública. **Revista eletrônica sobre a Reforma do Estado – RERE**, Salvador, Instituto de Direito Público da Bahia, n. 1, 2005. Disponível em: <<http://www.direitodoestado.com.br/artigo/luiz-carlos-bresser-pereira/instituicoes-bom-estado-e-reforma-dagestao-publica>> Acesso em: 20/01/2022.

Projeto submetido ao programa Petrobrás Cultural. Restauração da coleção de cerâmica do acervo museológico. Centro Cultural Benfica, 2004.

Relatório de serviços – conservação e restauro de obras de arte, 2017.

RIBEIRO, Emanuela Sousa. Atribuição de valor econômico a bens culturais, contabilidade pública e documentação em museus: reflexões introdutórias. *IN: XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 18., 2017, Marília. Anais Eletrônico... Marília - SP: Unesp, 2017.

Segundo relatório parcial do projeto de restauração da coleção de cerâmica, 2006.

SCHEINER, Tereza. As Bases Ontológicas do Museu e da Museologia. ICOM. ICOFOM. ICOFOM STUDY SERIES - ISS 31. Museology and Philosophy. Coro, Venezuela, p. 103-173, 1999.

SILVA, E. L., MENEZES, E. M. (2000) **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000, 118p.

SOARES. Marianna de Souza. Capítulo 1 – Para não esquecer os museus universitários. *IN: Museus universitários, encontros e redes de museus estratégias de articulação e reconhecimento*. Dissertação (Mestrado - Mestrado em Ciência da Informação - Universidade de Brasília, 2020.

V Fórum de Museus Universitários. UFMG. 2018.

Jornais:

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. ANO 1962, ED. 74. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_14&pasta=ano%20196&pesq=Servi%C3%A7o%20de%20Extens%C3%A3o%20Cultural&pagfis=15687>.
Acesso em: 10/01/2023.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. ANO 1962, ED. 93. Disponível em :
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_14&pasta=ano%20196&pesq=Servi%C3%A7o%20de%20Extens%C3%A3o%20Cultural&pagfis=16122>.
Acesso em: 10/01/2023.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, ANO 1962, ED. 95. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_14&pasta=ano%20196&pesq=Servi%C3%A7o%20de%20Extens%C3%A3o%20Cultural&pagfis=16147>.
Acesso em: 10/01/2023.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, ANO, 1963, ED. 6. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_14&pasta=ano%20196&pesq=Servi%C3%A7o%20de%20Extens%C3%A3o%20Cultural&pagfis=20602>.
Acesso em: 10/01/2023.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, ANO 1970, ED. 61. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_15&pasta=ano%20197&pesq=Departamento%20de%20Extens%C3%A3o%20Cultural&pagfis=2092>.
Acesso em: 10/01/2023.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, ANO 1970, ED. 87. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_15&pasta=ano%20197&pesq=Departamento%20de%20Extens%C3%A3o%20Cultural&pagfis=3127>.
Acesso em: 10/01/2023.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, ANO 1974, ED. 263. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_15&pasta=ano%20197&pesq=Departamento%20de%20Extens%C3%A3o%20Cultural&pagfis=61582>.
Acesso em: 10/01/2023.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, ANO 1975, ED. 282.

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_15&pasta=ano%20197&pesq=Departamento%20de%20Extens%C3%A3o%20Cultural&pagfis=76003>.

Acesso em: 10/01/2023.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, ANO 1976, ED. 263. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_15&pasta=ano%20197&pesq=Departamento%20de%20Extens%C3%A3o%20Cultural&pagfis=61582>.

Acesso em: 10/01/2023.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, ANO 1976, ED. 229. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_15&pasta=ano%20197&pesq=Departamento%20de%20Extens%C3%A3o%20Cultural&pagfis=88855>.

Acesso em: 10/01/2023.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, ANO 1977, ED. 195. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_15&pasta=ano%20197&pesq=Marcus%20Accioly&pagfis=103441>. Acesso em: 10/01/2023.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, ANO 1977, ED. 202. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_15&pasta=ano%20197&pesq=Departamento%20de%20Extens%C3%A3o%20Cultural&pagfis=103763>.

Acesso em: 10/01/2023.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, ANO 1979, ED. 173. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_15&pasta=ano%20197&pesq=Departamento%20de%20Extens%C3%A3o%20Cultural&pagfis=137908>.

Acesso em: 10/01/2023.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, ANO 1979, ED. 182. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_15&pasta=ano%20197&pesq=Departamento%20de%20Extens%C3%A3o%20Cultural&pagfis=138378>.

Acesso em: 10/01/2023.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, ANO 1981, ED. 149. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_16&pasta=ano%20198&pesq=%22Marcus%20Accioly%22&pagfis=27850>. Acesso em: 10/01/2023.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, ANO 1982, ED. 174. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_16&pasta=ano%20198&pesq=%22Marcus%20Accioly%22&pagfis=46938>. Acesso em: 10/01/2023.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, ANO 1982, ED. 327. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_16&pasta=ano%20198&pesq=%22Marcus%20Accioly%22&pagfis=53483>. Acesso em: 10/01/2023.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, ANO 1983. ED. 147. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_16&pasta=ano%201988&pesq=%22Marcus%20Accioly%22&pagfis=61539>. Acesso em: 10/01/2023.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, ANO 1984, ED. 17. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_16&pasta=ano%201988&pesq=%22Marcus%20Accioly%22&pagfis=71106>. Acesso em: 10/01/2023.